



Precocidade torna a região estratégica na produção de uvas

Em Planalto, o viticultor Adão da Silva Lopes projetava uma safra com frutas de qualidade, na metade de outubro

Em mais uma safra de uva, clima é de otimismo entre maior parte dos produtores

Gracieli Verde

revista@novorural@cefto.org.br

O potencial da região para a fruticultura é inegável. Clima, solo e outros pontos a favor somam para aqueles que investem no setor. Nos municípios de Ametista do Sul, Planalto e Alpestre, a uva é um dos componentes que faz a diferença quando o assunto envolve as frutíferas. Depois de deixar de lado a produção de grãos, que exige maior escala, esta tem sido uma opção considerada uma importante fonte de renda para as famílias e, conseqüentemente, para o comércio local. "Por mais que não tenhamos dados coletados sobre como essa atividade vem repercutindo no nosso comércio, sem dúvidas é uma renda importante para fomentar o consumo local", reforça o presidente da Associação Comercial e Industrial de Planalto, empresário Fábio Canan.

A precocidade que é atingida com a cultura nesses municípios é, de longe, o grande diferencial. "Essa capacidade de entrega de uva antes do período de Natal, que é quando inicia a colheita na Serra gaúcha, torna a região estratégica para a cultura", ressalta o agrônomo e analista Daniel Grohs, da Embrapa Uva e Vinho, de Bento Gonçalves. Isso se diferencia, inclusive, da região de Sarandi, onde a cultura da uva também tem potencial e já possui vinícolas consolidadas há mais tempo no mercado.

— Há cinco anos começamos o projeto Mudanças de Qualidade em nível nacional e em diferentes regiões vitícolas. Esta região foi considerada estratégica já naquela época, em função das características culturais e do ambiente. Por isso, trouxemos a proposta de reformulação tecnológica para a também no que diz respeito à atividade — explica o analista, que coordena esse projeto e também acompanha parceiros locais.

Outra vantagem citada por Grohs é que por aqui é possível trabalhar com variedades que na Serra gaúcha é de difícil manejo, a exemplo da vénus, que na segunda quinzena de outubro já estava sendo colhida em Alpestre, em áreas mais próximas ao rio Uruguai. "Por isso, a Embrapa acredita muito na viticultura por aqui. Por mais que temos as peculiaridades de uma região de clima quente, isso é de domínio técnico", garante. Juntos, esses três municípios somam mais de 900 hectares de uva em produção.



AMETISTA DO SUL: organização para a comercialização se destaca

Esse domínio técnico é cada vez mais almejado pelos produtores locais. Nos últimos anos, a região tem olhado com carinho para a atividade. Emater/RS, prefeituras, cooperativas e demais agentes que fazem assistência técnica na região, além dos produtores, vislumbram na viticultura uma oportunidade de continuar mudando e melhorando o panorama desses municípios.

No caso de Ametista do Sul, cinco produtores plantaram os primeiros parreirais, em 1995. Um deles é José Ulisses Mezzaroba, hoje com 76 anos, na linha Alta, onde possui 21 hectares de terra. Na época, a família mantinha um garimpo, pecuária leiteira e hortaliças, mas plantou meio hectare de uva de mesa como um experimento. "Até então nós produzíamos somente para vinho", conta o filho Elton, 48 anos, que hoje

além de produtor é o presidente da Coopermetista e sucessor na família. Atualmente os Mezzaroba têm seis hectares das variedades niágara rosa e branca, mais uma parte de bordô e moscato.

Com o passar dos anos, a alternativa se tornou a principal geradora de renda para a família. "Lembro que a gente começou a vender uva de fusca na cidade", recorda Elton. Mais tarde passaram a vender o produto em Frederico Westphalen e, depois, já com uma caminhonete, a família vendia até em Porto Alegre. "Nos últimos tempos a disputa se tornou grande e os compradores começaram a vir aqui pegar a fruta", lembra seu José Ulisses.

Com o tempo o comércio se tornou mais seguro para uva, fazendo com que a atividade se viabilizasse com uma margem um pouco maior de lucro

para o produtor, especialmente nos últimos dez anos.

— A fundação da Coopermetista foi importante nesse processo, porque os viticultores estavam melhorando a produtividade e começaram a sobrar produto. Então, tinha que ser feito algo para aproveitar essa produção. Por isso, a cooperativa foi crucial para escoar essa uva, com a fabricação de vinhos e, mais tarde, os sucos — relata Elton.

Nesta safra, os Mezzaroba estão otimistas. No ciclo passado se chegou a 15 toneladas por hectare, então a expectativa é manter esse número. Neste ano a ampliação da produtividade não deve acontecer porque parte do pomar é novo. "Também esperamos ter mais qualidade, porque nesta safra os parreirais estão mais saudáveis", diz Elton. A colheita deve iniciar no fim de novembro,

Jurema e Ulisses Mezzaroba, com o filho Elton, e as extensionistas Tatiane dos Santos e Joceane Dal Cero, da Emater/RS de Ametista do Sul

Cooperativismo fortalece a cadeia produtiva

Hoje um dos diferenciais de Ametista do Sul é a organização do comércio, que pela proximidade da cooperativa facilita as negociações e torna possível agregar valor ao produto. A expectativa para esta safra é que a Coopermetista processe 300 toneladas da fruta. "Penso que será um ano de preços estáveis, sem muitas variações, em função do cenário econômico. É um momento que precisamos ganhar pela escala de produção", acredita o presidente Elton Mezzaroba.

Neste ano também foi fechada uma parceria com a Cotripal, de Panambi, para venda de uva in natura. A Coopermetista está na expectativa de viabilizar uma estrutura com câmara-fria, para poder fazer cargas maiores do produto e vender em regiões grandes consumidoras. É uma forma de fugir dos atravessadores e ter um preço melhor.

Outro diferencial em relação ao município é o investimento em áreas irrigadas. Com o apoio da Creluz, que tem viabilizado redes de energia elétrica trifásica, mais produtores conseguem financiar esses sistemas, o que reflete em maior produtividade. "Temos evoluído bastante nesse sentido, gerando mais segurança para o produtor", comenta a agrônoma Joceane Dal Cero, da Emater/RS local — por meio da entidade os produtores encontram esses projetos.

Um grupo de viticultores também tem se organizado para realizar compras conjuntas de insumos e produtos para tratamento. Nesta safra, pelo menos 15 famílias se reuniram para isso, conseguindo cerca de 20% na redução de custos.



Hectares de uva em Ametista do Sul
160 hectares

Produtores
50 viticultores

Postura empreendedora

Deste grupo que tem feito compras conjuntas também faz parte o jovem casal Adilson dos Santos e Maria Antônia Cassol, que reside na linha Cassiano Fortes. Eles têm cinco hectares de uva em produção e outro hectare implantado mais recentemente. Ano passado a produtividade foi de 12 toneladas por hectare e para este ciclo a expectativa é manter esse número — as variedades são niágara rosa e branca e bordô.

Como o parreiral tem irrigação, se conseguiu manejar de forma que fosse possível garantir a sanidade das plantas, o que promete ser um diferencial nesta safra. "No início da brotação, por exemplo, faltou chuva, então compensamos com a irrigação, que tem sido uma ferramenta fundamental para a qualidade

do produto", afirma Maria Antônia.

No parreiral do casal as bagas também estavam em fase de enchimento quando a reportagem esteve por lá, na metade de outubro. "De agora em diante a atenção é redobrada para manter essa qualidade das frutas até a colheita", diz Maria Antônia. Por lá a expectativa é que a colheita comece em 20 de novembro — em algumas propriedades se vê um adiantamento de cerca de 10 dias em relação ao ano passado, segundo a equipe da Emater/RS. Para o futuro, o casal projeta a ampliação do parreiral, apostando em outras variedades, para oferecer mais diversificação. "Aqui eles têm uma localização privilegiada, com boa incidência de sol. Isso favorece a atividade", comenta a agrônoma Joceane Dal Cero.



Casal Adilson dos Santos e Maria Antônia Cassol, de linha Cassiano Fortes, Ametista do Sul, pretendem ampliar os parreirais



Extensionista Doraci Bedin e o viticultor Adão da Silva Lopes conferindo as parreiras da propriedade

PLANALTO: produtores se organizam em parceiras

Ao andar pelo parreiral do viticultor Adão da Silva Lopes, na linha Santa Cruz, em Planalto, com o técnico agropecuário e agrônomo Doraci Bedin, da Emater/RS, a sanidade é vista até por quem é leigo no assunto. Por mais que na propriedade uma geada um pouco tardia prejudicou o ciclo, porque tinha plantas já com brotação, a qualidade dos frutos deve ser bem superior se comparado a anos anteriores, segundo Bedin. Este cenário também é visto na maior parte das áreas de videira do município.

São dois hectares de videiras da variedade niágara rosa que garantem para a família Lopes uma renda importante a cada ano. Para conseguir negociações mais competitivas, seu Adão tem parceria com mais três produtores vizinhos, para que na hora da venda possam conseguir um preço melhor. Ali a expectativa também é que a colheita inicie no fim de novembro.

O adiantamento da colheita – comen-

tado no início da reportagem – é um dos motivos que mais influencia Lopes a seguir com a cultura, afinal, são pelo menos 20 dias para aproveitar um mercado que ainda não tem uva disponível. Inclusive, neste ano, parte da uva foi podada

um pouco mais cedo para influenciar as plantas a brotarem antes, o que também ajuda nesse adiantamento na formação dos frutos. "Para esse tipo de manejo é fundamental ter boa exposição solar, além de temperaturas que na média não passem de 14°C no dia. É preciso ter técnica", orienta Bedin.

Na safra passada, Lopes colheu 10 toneladas por hectare, mas para este ano estima uma redução de 30%, em função do clima. Em relação ao preço, ele tem a expectativa que consigam um valor mais remunerador. "Vimos de duas safras com preços congelados em R\$ 3,50, mas o custo subiu. Então, penso que é importante ter um incremento", opina.



ALPESTRE: variedade vênus sendo colhida em outubro

Na linha Farinhas, interior de Alpestre, o produtor Paulo Sérgio Rookenbach começou a colheita das uvas da variedade vênus no dia 17 de outubro. Ele deu sorte, porque dias antes pelo menos 80 hectares de videira foram prejudicados pelo granizo no município.

"Esse granizo atingiu uma região muito produtora de uva. Ainda estamos trabalhando no levantamento das perdas e nos encaminhamentos dos seguros", assinala o técnico agropecuário Clair Olevio Bertussi, da Emater/RS, ressaltando que em breve será possível saber o quanto de queda na produtividade o município deve registrar nesta safra.

Voltando ao caso da família Rookenbach, são cinco hectares de videiras das cultivares niágara, bordô e vênus. Paulo Sérgio espera colhar entre 25 e 30 toneladas por hectare, um pouco menos do que no ciclo anterior, que foi de 30 tone-

ladas/ha. A proximidade com o rio Uruguai também conta a favor neste caso, porque permite o manejo da variedade vênus, considerada precoce, não seja prejudicado por geadas, por exemplo.

"No município a área de vênus é pequena, de 20 a 25 hectares, mas é um diferencial, porque tem produtor recebendo um preço bom nesta época", pontua Bertussi. Paulo Sérgio revela que tem recebido R\$ 4 por quilo vendido, um valor bastante remunerador.

Em Alpestre, o cultivo comercial de uva começou em 1992, com 0,6 hectares, segundo a Emater/RS. É visível a evolução dos produtores, assim como em Ametista do Sul e Planalto. Antes da ocorrência do granizo, a expectativa era de colhar uma média de 22 toneladas por hectare. Com a intempérie, esse dado ainda não foi atualizado até o fechamento desta edição.

Hectares de uva em Alpestre
250 hectares

Produtores
190 viticultores



Família Rookenbach: Janete e Paulo Sérgio (C) com as filhas Mateus e comemoram colheita antecipada de variedade vênus



Em Alpestre, quase 200 pessoas acompanharam tarde de campo sobre viticultura

Abertura da colheita e fomento à atividade

Um projeto que tem como objetivo fomentar a fruticultura nos municípios de Ametista do Sul, Planalto, Alpestre e Iralá está em andamento. O Juntos para Competir – iniciativa da Farsul, Sebrae/RS e Senar/RS – está assessorando um grupo de produtores para melhorar aspectos relacionados à produção e à comercialização, em parceria com a Adma, Emater/RS, secretarias de Agricultura e prefeituras desses municípios. Tanto que várias atividades têm sido feitas, como uma tarde de campo que reuniu cerca de 200 produtores em Alpestre, no dia 24 de outubro.

Uma das iniciativas desse grupo também é trazer para a região mais reconhecimento a esse setor considerado tão importante para a economia local. Por isso, neste ano se decidiu evidenciar o início da colheita da cultura. No ano passado, algumas iniciativas de abertura da colheita foram realizadas na região, como em Ametista do Sul. Em 2017 a ação será regional, envolvendo Ametista do Sul, Alpestre e Planalto. Por isso, no dia 30 de novembro será realizado o Seminário Regional da Fruticultura e a Abertura Oficial da Colheita da Uva, na linha Alta, em Ametista do Sul, com programação durante todo o dia.

SERVIÇO

O QUE:
2ª Abertura da Colheita da Uva

QUANDO:
30 de novembro

ONDE:
Linha Alta, Ametista do Sul